

FHC terá função estratégica até outubro

Marqueteiros ligados ao PSDB reservam a costura de alianças ao ex-presidente da República

SÉRGIO PARDELLAS
BRASÍLIA

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso irá frustrar quem o imagina na campanha eleitoral perto do pulsar das massas, de punhos cerrados, discursos eloqüentes, mangas das blusas recolhidas, figura fácil nos palanques e programas televisivos com o objetivo de eleger o candidato tucano.

De acordo com fontes da cúpula do PSDB, orientados por marqueteiros ligados ao partido, os tucanos já decidiram: FHC participará da campanha tucana, mas com a discrição que lhe é peculiar, a fleuma da estratégia, nos intramuros do bastidor. Algumas aparições em programas eleitorais e discursos em palanques poderão acontecer em momentos chaves da campanha, ao sabor das pesquisas de opinião, mas é certo que ocorrerão com pouca frequência.

Pelo que ficou acertado em reuniões ao longo do ano, ao ex-presidente caberá essencialmente a tarefa de ser o principal fiador das alianças tucanas no plano nacional e nos estados e o grande eleitor na disputa entre o prefeito de São Paulo, José Serra e o governador Geraldo Alckmin pela candidatura à presidência pelo PSDB.

Mais do que pelo estilo que o caracteriza, essa decisão de reservar FHC carrega um viés eminentemente pragmático. A presença de ex-presidentes em campanhas eleitorais, sobretudo quando terminaram o governo bem avaliados, é capaz de exercer um fascínio irresistível sobre o eleitorado, podendo com isso até, em alguns casos, definir a eleição em favor do seu candidato do coração.

Mas apesar de o legado da estabilidade econômica ser reconhecido até hoje pela popu-

lação, a memória do governo FHC ainda é muito prejudicial a uma candidatura do PSDB, revelam pesquisas qualitativas em poder de tucanos, pefelistas e até do Palácio do Planalto. Os últimos anos do governo tucano, sobretudo temas como o apagão, escândalo das privatizações, estagnação da economia, ainda estão vivos na memória do eleitor e, mesmo com a crise do mensalão, o governo Lula ainda é mais bem avaliado do que o de FHC. "Se o PT resolver bater forte em Fernando Henrique realmente será contra-

producente à campanha do candidato tucano. E ele (FHC) vai acabar sendo forçado a aparecer na TV não para fazer campanha, mas para responder às críticas", disse o cientista político da Universidade de Brasília (UnB), David Fleischer.

As mesmas pesquisas apontam que, entre Serra e Alckmin, o prefeito paulista pode ser o mais prejudicado, se a estratégia for levada a cabo pelo PT, por ter uma maior identificação com o ex-presidente. Serra foi ministro do Planejamento, da Saúde e candidato de FHC nas

eleições de 2002. Daí o receio no Planalto do imponderável que pode se tornar uma eventual candidatura Alckmin.

Foi a partir desses levantamentos, que Lula, orientado pelo publicitário e jornalista João Santana, passou a comparar os números de seu governo com o do antecessor. É fazendo o povo se lembrar dos últimos anos do governo FHC que o Planalto espera neutralizar os avanços do prefeito de São Paulo, José Serra e do governador Geraldo Alckmin, possíveis candidatos do PSDB à Presidência.

O pontapé inicial foi dado durante a semana. Em pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV de 11 minutos, Lula discorreu sobre a importância da quitação da dívida com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e aproveitou para citar uma série de outras conquistas de seu governo, como maior distribuição da riqueza nacional; aumento de empregos com carteira assinada e da massa salarial; os recordes mensais nas exportações; e os investimentos históricos na área social, que saltaram de R\$ 7 bilhões em 2002 (último ano do presidente Fernando Henrique Cardoso) para R\$ 22 bilhões em 2006 — dinheiro que, segundo Lula, beneficia diretamente 40 milhões de brasileiros.

Pesquisa do Ibope divulgada na última quinta-feira foi coerente com essa avaliação. O Instituto simulou uma disputa presidencial entre Lula e seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Resultado: o ex-presidente teria hoje 14% das intenções de voto contra 38% de Lula e 15% do ex-governador do Rio, Anthony Garotinho.

A conveniência da participação de FHC na campanha também chegou a ser discutida pelos mais emplumados tucanos durante as eleições de 2002. O temor era de que surtisse efeito inverso ao esperado. Ao fim, a contribuição do ex-presidente à campanha de Serra se limitou a uma declaração de apoio no horário eleitoral gratuito.